



RES*EN*HA

DIALOGISMO: TEORIA E(M) PRÁTICA, DE BETH BRAIT E ANDERSON SALVATERRA MAGALHÃES

Luciano Magnoni Tocaia*

■ **R**evisitar os textos e conceitos elaborados por Mikhail Bakhtin e seu Círculo na antiga União Soviética dos anos 1920 a 1970 é mais do que atentar à construção de uma postura única de conceber a linguagem e seus estudos: é compreendê-la como fonte de vozes e como fonte de vida, o que justifica um incessante retorno a seus textos.

Parece comum que grandes pensadores deixem seguidores, e todo o interesse em torno de um autor tem certamente suas vantagens. No Brasil, muitos são os estudiosos que têm buscado, na esteira dos estudos bakhtinianos, enfrentar a linguagem e percorrer as trilhas e os caminhos abertos pelo pensador russo, ajudando a transformar o nome de Bakhtin em uma referência obrigatória em qualquer departamento de linguística ou de teoria literária do país.

Nessa vereda, os trabalhos da professora Beth Brait, inicialmente na Universidade de São Paulo (USP) e, em seguida, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (Lael) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ocupam relevante destaque em todas as fases de difusão e recepção das ideias do Círculo de Bakhtin no Brasil. Em meio à riqueza da contribuição trazida pela organização de diversas obras de estudo em torno dos conceitos-chave de Bakhtin e do Círculo, assim como inúmeros trabalhos de análise de textos literários e de fenômenos linguístico-discursivos, Brait auxilia a formação de inúmeros pesquisadores que, em seus estudos, têm apresentado, discutido e problematizado empirica e teoricamente o universo conceitual bakhtiniano.

Nessa recente coletânea, Beth Brait organiza junto ao professor Anderson Salvaterra Magalhães, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), um inédito conjunto de 16 estudos, frutos de pesquisas que abarcam as múltiplas vertentes teóricas bakhtinianas e aplicam-nas de maneira empírica.

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: lucianotocaia@gmail.com

Importa destacar a preocupação, em cada um dos ensaios, de mostrar exemplos de aplicação do conceito estudado. Por meio de múltiplas análises, os autores demonstram de maneira empírica as noções sobre as quais se debruçam, o que comprova a atualidade do pensamento proposto por Bakhtin sobre as questões literárias e discursivas.

A obra divide-se em três partes, facilmente identificáveis: “Dialogismo: produção de conhecimento à brasileira”, “Dialogismo na vida” e “Dialogismo na arte”. Embora se destaque a diversidade de temas abordados, todos os textos apresentados nos conjuntos reúnem-se sob a égide do dialogismo, o que também permite ao leitor uma variedade de percursos de leitura, de acordo com objetivos preestabelecidos.

A primeira parte – “Dialogismo: produção de conhecimento à brasileira” – destina-se à apresentação do conceito de gêneros discursivos pelo viés bakhtiniano, além de reflexões sobre as traduções brasileiras das obras do Círculo. É de Adail Sobral o primeiro ensaio do livro, aquele que convida a trilhar os inúmeros caminhos de leitura propostos pela obra. Intitulado “Uma proposta bakhtiniana de estudo dos gêneros discursivos”, o texto se propõe a discorrer sobre as bases teóricas e metodológicas para o trabalho com gêneros discursivos, seguindo a orientação de Bakhtin. Para tanto, Sobral apresenta uma metodologia bakhtiniana de análise de gêneros, cuja proposta está centrada nos dispositivos enunciativos de criação de formas de interlocução. A técnica de análise proposta por Sobral se desenvolve em três etapas e recorre a três procedimentos de levantamento das marcas de gênero na ordem em que foram apresentados. Lembra o autor que longe de um modelo engessado de análise, o que mais interessa por meio de sua proposta é estabelecer um conjunto de parâmetros para o melhor aproveitamento dos instrumentos de análise.

Ao encontro das ideias trazidas por Sobral caminha o ensaio de Anselmo Pereira Lima intitulado “Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco”. Com base em sua pesquisa de doutoramento, Lima tem por objetivo apresentar ao leitor um ponto de vista teórico sobre os gêneros do discurso para, em seguida, apresentar-lhe um arcabouço metodológico e um método de estudos de fenômenos linguístico-discursivos pelo viés bakhtiniano. A aplicação de sua proposta se dá de forma empírica por meio do gênero discursivo *visita técnica*, cujas fases e etapas de composição do gênero são meticulosamente descritas e analisadas pelo autor.

Cabe a Rodolfo Viana, em seu ensaio “O gênero jornalístico informativo pela perspectiva do Círculo de Bakhtin”, a descrição e explicação, também de forma empírica, das macrocaracterísticas do gênero jornalístico informativo, representado no ensaio pelo gênero discursivo *notícia*. Partindo do conceito de gênero discursivo tal qual preconizado pelo Círculo e recorrendo a teóricos como Pierre Bourdieu e Ciro Marcondes Filho, Viana apresenta um breve relato histórico sobre a esfera jornalística informativa, que, diferentemente da esfera opinativa, busca despertar interesse para um conjunto de pessoas e um segmento social, definindo-se como objeto social. Por meio de variados exemplos oriundos da imprensa e de manuais de redação de jornais, o autor propõe um mapeamento do gênero jornalístico informativo, atentando, também, para as possíveis transformações pelas quais a esfera jornalística tem passado com o advento das novas tecnologias em sua esfera de produção.

Finda a primeira parte do conjunto de textos o ensaio de Sheila Grillo e Eka-terina Américo, intitulado “As traduções brasileiras de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov”, que tem por objetivo propor uma reflexão sobre o desafio de traduzir os textos-fonte do Círculo. Discutindo as traduções como enunciados, ou seja, como elos na cadeia da comunicação discursiva da esfera científica, as autoras tratam da experiência de traduções diretas e não de traduções de “segunda mão” como vem ocorrendo com a obra do Círculo de Bakhtin no Brasil. Atentam também para a tensão entre a fidelidade ao texto russo e o contexto de recepção em língua portuguesa, além de recuperarem o contexto acadêmico em que as obras foram produzidas. Um fator relevante para os estudiosos do Círculo apresentado por Grillo e Américo são as considerações a respeito das dificuldades e opções de traduções de alguns termos do russo para o português, tais quais: “língua/linguagem”, “linguagem/fala/discurso”, “bem falar”, “produção escrita”, entre outros.

A segunda parte – “Dialogismo na vida” – é o momento em que reflexões sobre o dialogismo em diferentes esferas do cotidiano são trazidas à tona. Diversificadas esferas de nossa vida social que de algum modo fazem parte do nosso dia a dia, tais quais a imprensa, uma manifestação de rua, o mundo judiciário e o livro didático, ajudam a ilustrar a estreita relação entre as relações dialógicas e o funcionamento da sociedade tanto do ponto de vista da linguagem quanto do cultural.

Marca nossa primeira parada nesse bloco o texto de Anderson Salvaterra Magalhães sobre “Uma escuta dialógica para conflitos contemporâneos da imprensa”. Nesse texto, o autor discorre primordialmente sobre duas questões, frutos de uma pesquisa maior desenvolvida acerca da organização da subjetivação em reportagens premiadas do jornal carioca *O Dia*: “como o processo de objetivação do jornalismo se constrói na necessária relação com os processos de subjetivação e como o embasamento ético sobre a objetivação discursiva traz desafios específicos para a imprensa na atualidade” (p. 94).

Coube, na sequência, a Beth Brait e Bruna Lopes-Dugnani, no texto intitulado “Em cartaz, a cara e o corpo da linguagem nas ruas”, a tarefa de analisar as recentes manifestações de rua no Brasil, com ênfase na análise de enunciados verbo-visuais, reforçando um campo de estudo muito produtivo e desvendado recentemente por Brait. Tendo como ponto de partida um texto de Clarice Lispector endereçado ao ministro da Educação em fevereiro de 1968, as autoras mostram em suas análises que o tema *passeata de jovens* já era um mecanismo para dar voz aos jovens impedidos de se manifestar livremente nas ruas. Analisando as produções verbo-visuais das grandes manifestações de 2013 pelas ruas de todo o Brasil, sobretudo as fotos e os cartazes, Brait e Dugnani vão desenhando o perfil discursivo de alguns sujeitos coletivos que assinam as reivindicações.

Cláudia Garcia Cavalcanti, em “Dialogismo e ensino: o caso de um livro didático brasileiro”, apresenta parte dos resultados obtidos em tese de doutorado cujo principal objetivo foi investigar se a interação discursiva instaurada em um livro didático de língua portuguesa promove um espaço de construção de autoria que contribua para a formação da competência discursiva de estudantes em nível universitário. Tomando por *corpus* um livro didático para o ensino de língua portuguesa adotado em quatro grandes universidades pesquisadas, Cavalcanti discute em seu ensaio o problema da escrita na universidade brasileira e mostra os possíveis ganhos para os alunos no que diz respeito a práticas de texto teoricamente apoiadas nas teorias de viés bakhtiniano no livro didático em questão.

“Democracia, jornalismo e discurso jurídico: ressonâncias dialógicas e hegemonia”, de Maria Helena Cruz Pistori, descreve e analisa trechos do discurso da imprensa escrita que se referem a um delito judicial ocorrido em 1997: o assassinato de um índio pataxó por cinco rapazes de classe média, em Brasília. Pistori mescla brilhantemente as ideias de Bakhtin e do Círculo ao pensamento da retórica e da nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), de modo a demonstrar, por meio do exame de páginas selecionadas de dois grandes jornais da imprensa dita séria brasileira, os posicionamentos e valores expressos pelos discursos dos cotidianos, bem como os pontos de vista e as visões de mundo construídos pela mídia em torno do caso relatado.

Tratando igualmente da mídia, em “As imagens de Lula na revista *Veja* sob a perspectiva dialógica da linguagem”, Miriam Bauab Puzzo, na esteira dos estudos analíticos sobre textos verbovisuais proposta por Brait (2013), propõe em seu ensaio uma análise das capas da revista *Veja*, entendidas como enunciados concretos de natureza verbo-visual. Mostra a autora que apesar de as capas de revista serem um gênero discursivo de circulação bastante recorrente na esfera jornalística, elas “também podem funcionar como uma espécie de vitrine para anunciar a revista, tendo, também, o objetivo de provocar o interesse do leitor” (p. 171). Os estudos de Puzzo revelam um gênero que recebe um tratamento misto de informação e apelo, fato que proporciona a hibridização de produção e circulação do gênero, tanto na esfera jornalística quanto na publicitária.

Consoante ao anterior no que diz respeito ao trato dos textos verbo-visuais, Regina Braz Rocha, em seu ensaio intitulado “Letramento verbo-visual e gramática: o direito à língua”, analisa um capítulo proposto por um livro didático da década de 1980, bem como as possíveis relações estabelecidas na obra entre o trabalho com a fotografia e anúncios publicitários e questões relativas ao letramento. A autora vai além e, em diálogo com a atividade analisada e com a proposta metodológica esboçada pelo Círculo, propõe uma atividade prática de leitura e de produção de anúncio publicitário, tendo por objetivo reafirmar a articulação entre a fundamentação dialógica e as possíveis práticas pedagógicas em aulas de língua portuguesa.

Finda a segunda parte da obra o texto de Vinicius Nascimento a respeito dos “Gêneros do discurso e verbo-visualidade: dimensões da linguagem para a formação de Tradutores/Intérpretes de Libras/Português”. Aqui, Nascimento realiza uma profícua discussão teórica e metodológica, pelo viés bakhtiniano, sobre a formação dos tradutores e intérpretes de libras/português e sobre a aplicabilidade da teoria dialógica bakhtiniana para a compreensão de uma acessibilidade que promove, de fato, a participação, pela linguagem, nas diferentes esferas de atividade social. Assumindo o ato de traduzir e de interpretar como gêneros do discurso, o autor explora, primeiramente, o conceito de verbo-visualidade tal qual concebido a partir das obras do Círculo, para, em seguida, atentar-se à maneira como as relações entre diferentes gêneros do discurso, desenvolvidas no ato de interpretação, marcam um campo de trabalho único para o tradutor/intérprete e, também, de pesquisa no contexto brasileiro de interpretação midiática.

A terceira parte da obra – “Dialogismo na arte” – expõe reflexões a respeito do dialogismo bakhtiniano em uma exposição de museu, em um espetáculo de teatro e na literatura.

Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva, em “Vozes em Jorge Amado e Universal: quem contou essa história?”, apresenta uma análise dialógica pela perspec-

tiva do Círculo de alguns aspectos da exposição “Jorge Amado e Universal”, com destaque para a relação entre a voz curatorial e as muitas vozes trazidas e presentes na exposição. Para tanto, Pucci observa alguns aspectos da poética de Jorge Amado encontrados na obra *Tocaia grande* para, então, destacar particularidades da materialidade verbo-visual da exposição e, por fim, relacionar essas particularidades aos temas presentes na obra de Amado, o que ajuda a criar um tipo de narrativa típica do escritor baiano na construção da exposição analisada.

O gênero discursivo *fábula* é o ponto de partida para o ensaio de Elaine Hernandez de Souza, intitulado “Consonâncias e dissonâncias entre vozes na tessitura do texto fabulístico”. Aqui, a autora procura tratar das questões teórico-metodológicas que amparam a percepção dialógica do gênero discursivo em questão, o que ajuda a resgatar a tradição de textos fabulísticos como textos de cultura pelo viés da temática, bem como auxiliam a identificação das transformações da fábula ao longo do tempo nas diversas manifestações artísticas, musicais, desenhos animados, histórias em quadrinhos, entre outros. O trabalho atual apresentado por Souza define-se como uma ampliação de um trabalho anterior sobre conceitos marxistas de infraestrutura e superestrutura em fábulas de Monteiro Lobato, modificando seu campo de atuação e voltando-se à compreensão das orientações sociais inscritas nas narrativas advindas de diferentes temporalidades.

Em “*Circo negro: o discurso teatral em perspectiva dialógica*”, Jean Carlos Gonçalves discorre sobre suas relações entre o teatro e os estudos da linguagem. Professor de teatro no âmbito universitário, Gonçalves se serve do pensamento bakhtiniano para construir sentidos no discurso teatral, tomando como objeto particular de estudo o espetáculo *Circo negro*, da Cia. Senhas de Teatro, de Curitiba (PR). O autor busca, então, responder a algumas perguntas, tais quais: “O que é o discurso teatral?” e “Como analisar o discurso teatral?”, indagações essas que são atravessadas por outras “reflexões relacionadas às habilidades do analista, às metodologias de análise, às materialidades enunciativo-discursivas que integram esse discurso e à ideia de como se organiza um enunciado na esfera teatral” (p. 267).

“A representação das vozes sociais em *Vidas secas*”, é dessa forma que Maria Celina Novaes Marinho propõe um estudo que, ao tomar o clássico de Graciliano Ramos como ponto de partida, busca examinar como um romance, gênero discursivo complexo (secundário), nos dizeres de Bakhtin (2011), em que as diferentes vozes sociais representadas compõem uma teia pluridiscursiva e dialogizada, “deixa entrever a imagem que um grupo social lança a um grupo oponente e a imagem com que este grupo responde ao mesmo tempo reafirmando e reformulando sua identidade” (p. 281).

Vidas secas representa, assim, nas palavras da autora, “um mundo vivo, sem acabamento, com pessoas que estão sempre em processo e no meio de um processo que nunca termina” (p. 281).

Encerra a brilhante coletânea organizada por Brait e Magalhães, a reflexão de Sandra Mara Moraes Lima a respeito de “A voz materna em *Grande sertão: veredas*”, na qual a autora apresenta análises da presença da voz materna no discurso da personagem Riobaldo, personagem-narrador do romance de Guimarães Rosa. Recorte de sua pesquisa de doutoramento, o texto de Lima analisa, a partir da fundamentação teórico-metodológica advinda do pensamento bakhtiniano, as marcas linguísticas, enunciativas e discursivas que materializam a dimensão feminina no romance em questão.

Se, há mais de três décadas, no Brasil, as ideias do chamado Círculo de Bakhtin têm sido objeto de estudo em diferentes áreas, nota-se que a grande maioria foi contemplada nesse livro. Dessa maneira, à medida que se avança na leitura, destacam-se a diversidade temática e a riqueza e profundidade teórica do conjunto de estudos apresentados, bem como as relações, interdependências e fronteiras entre as diferentes possibilidades do produtivo universo conceitual bakhtiniano.

Vale, então, insistir, como reflexão final, na contribuição ímpar trazida por esse livro organizado por Beth Brait e Anderson Salvaterra Magalhães a todos aqueles que, interessados em compreender e realizar pesquisas sobre a linguagem – professores, pesquisadores, estudantes – e fundados no pensamento do Círculo de Bakhtin, buscam conhecer e se aprofundar nos inúmeros desdobramentos em variadas direções propostos pela teoria em questão.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, B. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Recebido em agosto de 2015.
Aprovado em setembro de 2015.

BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. (Org.).

Dialogismo: teoria e(m) prática.

São Paulo: Terracota Editora, 2014. 324 p.